

## Resenha

**Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter**  
(Santaella, Lúcia. Lemos, Renata. São Paulo: Paulus, 2010. 135 p.)

José GLAYDSON<sup>1</sup>

O tema das redes sociais está na ordem do dia. O surgimento das redes sociais da internet (RSIs) tem repercutido de tal forma na sociedade que é comum desconhecer que estas são apenas uma das formas de constituição de rede social. A associação do termo com ferramentas interativas e colaborativas do mundo virtual, a exemplo do Facebook, *blogs* e Twitter é quase imediata. Esta é uma das razões pelas quais as autoras Lúcia Santaella e Renata Lemos consideram imprescindível compreender o conceito de redes e suas propriedades comunicacionais. Dessa forma, Lemos e Santaella escolheram o Twitter para analisar essas novas propriedades e, ao mesmo tempo, através desta ferramenta social repensar a própria “noção de redes”. (Lemos e Santaella, 2010, p. 9). Esta é a principal proposta de *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*.

O título da obra, publicada em 2010, chama à atenção, em primeiro lugar, porque trata de um tema em efervescência nos estudos de mídia e comunicação: as pesquisas das redes sociais na internet. Em segundo lugar, por abordar o Twitter numa perspectiva cognitiva, tendo em vista que a sua troca de mensagens, restrita a 140 caracteres, poderia lhe render críticas quanto a sua função comunicativa.

A obra é dividida em sete capítulos, além da Introdução. Nesta, antes de nos apresentar a teoria escolhida para a abordagem das RSIs, as autoras criticam pesquisas sobre redes sociais que são centradas no humano. Para elas, a perspectiva teórica mais adequada para se compreender o fenômeno das redes da internet é a teoria-ator-rede – teoria filiada aos estudos de Foucault sobre a *microfísica do poder* e ao conceito politópico de *rizoma* (Deleuze e Guattari) –, em parceria com elementos das teorias dos sistemas complexos adaptativos.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/ UFPB.

As autoras advertem que o livro não é um estudo exclusivo sobre o Twitter, e sim, sobre os novos processos comunicacionais trazidos pelas redes sociais da internet. Daí afirmarem: “o Twitter funcionou para nós como um mirante privilegiado para pensar questões teóricas, críticas e práticas que as redes digitais estão trazendo” (p. 9).

No primeiro capítulo, *Redes & Sistemas*, é esclarecido que o conceito de redes vai além da noção de redes sociais, já que estas são apenas um tipo possível de rede. A inserção do conceito, pelos vários campos do conhecimento, abrange da matemática às artes. Diante dessa amplitude, nada mais natural que a bibliografia sobre o assunto também seja extensa, como afirmam Santaella e Lemos. Nesta obra, o campo específico de interesse é o das redes sociais e, inserido nele, o das redes sociais digitais.

Dessa forma, as redes sociais são abordadas, inicialmente, na perspectiva da teoria das redes no contexto dos agenciamentos e complexidade social (Manuel DeLanda). Conforme as autoras, a teoria dos agenciamentos (desenvolvida por Deleuze e Gattari) “pode ser aplicada a uma variedade de conjuntos construídos de partes heterogêneas” (p. 14), neste caso, ela é aplicada as redes sociais. Assim, nos conjuntos das relações heterogêneas, que constituem essas redes, as ações das pessoas são tomadas como agenciamentos sociais a partir das quais os sujeitos emergem, agindo tanto de forma subjetiva quanto pragmática.

Em seguida, as RSIs é que são destacadas. Elas são observadas sob a ótica das redes e fluxos (Manuel Castells). Aqui, enfatiza-se, entre outros aspectos, que as redes sociais digitais se caracterizam pela fluidez das trocas de informações, mediante o desenvolvimento das novas tecnologias (mais precisamente: a internet), que eliminam antigos obstáculos na comunicação como o tempo e o espaço. Para as autoras, essas redes ampliam a capacidade de agenciamentos sociais mencionada acima.

Após uma abordagem conceitual e descritiva das RSIs, o primeiro capítulo é finalizado com a aposta de que, através dos parâmetros dos sistemas complexos adaptativos, é possível compreender o funcionamento e as dinâmicas comportamentais do Twitter. Seguindo esses parâmetros – baseados na teoria geral dos sistemas de Ludwig Von Bertalanffy – Santaella e Lemos destacam que o Twitter possui auto-organização (ausência de controle centralizado, conectividade intensa, causalidade em rede não linear de iguais que influenciam iguais, entre outros) e imprevisibilidade (não

há possibilidade de prever as leis que governam suas interações) típicas dos sistemas complexos adaptativos.

A teoria ator-rede (TAR, de Bruno Latour) é abordada no segundo capítulo. Neste, as pesquisadoras discorrem sobre alguns equívocos do entendimento do conceito de redes. Para elas, a noção de rede não deve ser entendida de forma linear, como por exemplo, uma rede ferroviária. Outro equívoco seria associar automaticamente rede às novas tecnologias, às conexões entre computadores. Isso devido ao caráter estratégico e organizado deste tipo de rede, em que os *nós* seguem “um conjunto de passos rigorosos” (LEMOS E SANTAELLA, 2010, p. 28). A última confusão relatada seria conceber rede de atores como redes sociais. Nesta, diferentemente da TAR, apenas os atores humanos são passíveis de ação, de interação. A diferença fundamental reside no fato de que a TAR amplia a noção de “atores-actantes” para além dos humanos. A noção de actante – inspirada na semiótica de Greimas – de forma adaptada – serviu para libertar o conceito de ator dos sentidos sociológico e antropológico, estendendo as ações e agenciamentos à elementos animados e inanimados. Em outras palavras, para a TAR, quaisquer objetos, entidades e meios técnicos, dotados de capacidade para agir, traduzir e transformar as próprias redes, são considerados atores.

Nesse contexto, a concepção de rede na TAR vem da influência da noção de *rizoma* (Deleuze e Gattari), que tem como princípios básicos: ser um sistema aberto, não linear, contra dualismos e não dicotômico. Através da descrição de alguns pressupostos do rizoma, é possível fazer algumas analogias com as RSIs, como por exemplo: o princípio da conexão e o da heterogeneidade. No caso do primeiro princípio, tanto o rizoma quanto as RSIs se conectam de forma não determinista, de qualquer ponto a outro, para todos os lados e direções. São ramificações de redes que originam outras. No segundo caso, a heterogeneidade se caracteriza pela diversidade de signos linguísticos, não linguísticos, semióticos que são agenciados tanto no rizoma quanto nas RSIs.

O capítulo três, *Teoria-ator-rede, mídias & comunicação*, discute algumas possíveis hipóteses que expliquem a falta de popularidade da TAR nos estudos de mídia em comunicação. Entre as principais conjecturas, está a falta de viés sociológico desta teoria, acusada de se manter aquém das lutas de poder e desigualdades sociais.

Para Santaella e Lemos, a TAR se mostra relevante na abordagem das RSIs, por reconhecer que os diversos atores – humanos, não humanos, inteligências artificiais, indivíduos, coletividades, entre outros – dessas redes, são interdependentes e necessários na compreensão das mesmas. Ou seja, partem do princípio de que as RSIs necessitam tanto de agentes humanos, quanto tecnológicos, no cerne de suas formações e, sendo assim, numa pesquisa aprofundada das relações nessas redes, nenhum desses elementos podem ser desprezados.

No quarto capítulo *A evolução das RSIs: da interação monomodal à multimodal* as autoras fazem, de forma breve e didática, uma contextualização dos avanços das RSIs, destacando as peculiaridades, usos e funções das redes 1.0 (MSN), 2.0 (Orkut e MySpace), até chegar as redes 3.0, das quais fazem parte o Twitter e Facebook. De acordo com a obra, a diferença fundamental, destas, em relação às anteriores é a sua integração com as outras redes e aplicativos.

Além disso, as RSIs 3.0 se caracterizam por permitirem uma interação multimodal. Em outros termos, o acesso a uma rede de informação não precisa ser necessariamente de um ponto fixo a outro – monomodal – tal qual nos anos 1990. A mobilidade trazida pela hibridização de aplicativos a dispositivos móveis, como os celulares, ampliaram as possibilidades de acesso aos internautas. De acordo com as pesquisadoras, foi neste contexto que surgiu o Twitter: “como uma resposta ao desafio da mobilidade, desenvolvendo funcionalidades aptas a promover eficientemente a interatividade móvel (p. 61)”. Para tanto, as mensagens se adaptaram ao pouco espaço para texto, típico dos dispositivos móveis, tornando-se menores, a exemplo dos 140 caracteres do Twitter.

Outro aspecto enfatizado é a questão temporal dessas redes que se destacam, ainda, por serem *always on*. Em outras palavras, são alimentadas pela troca e compartilhamento de informações em tempo real, num “presente sempre contínuo”.

O capítulo cinco *Inflow vs. Outflow: Twitter & Microdesign de Ideias* trata das especificidades do Twitter (relativas ao seu funcionamento, suas diferenças em relação a outras RSIs) e de sua excelência como um novo espaço propulsor de inteligência coletiva e colaboração intelectual em rede. Aqui, Lemos e Santaella destacam a relevância dos novos desafios trazidos pelas interações específicas desta plataforma no

que concerne às habilidades cognitivas dos usuários. Elas se referem às dinâmicas de interação do Twitter, que são constituídas de fluxos de informações internos, ou *inflow*, e fluxos de informações externos denominado de *outflow*.

Os fluxos internos dizem respeito às informações recebidas pelos usuários através de sua rede de contatos. Já os externos, significam a elaboração do “microdesign de idéias”, isto é, quando o usuário produz e veicula os seus microtextos. E é a partir do gerenciamento e das escolhas de quem seguir (o que implica que tipos de mensagens receber) e do que publicar que o usuário constrói sua identidade informacional. Em síntese, neste capítulo “a cognição conectiva do Twitter”, começa a ganhar corpo.

Após um breve apanhado sobre o que vem a ser o Twitter e sua popularidade no Brasil e no mundo, Santaella e Lemos recorrem, principalmente, a Pierre Lévy para defender o ponto de vista de que o *microblogging* em questão se configura um novo ambiente de inteligência coletiva. Elas argumentam que esta ferramenta de interação social possui peculiaridades típicas da concepção de Lévy sobre inteligência coletiva, tais como: a integração de comunidades, compartilhamento de ideias em tempo real, entre outras. E vão mais longe, para as autoras o Twitter pode ser considerado como uma “verdadeira ágora digital global” em que perpassam conhecimentos, entretenimento, política etc.

O sexto capítulo, *Visualizando os laços sociais no Twitter: o continuum na era dos fluxos* propõe que para se compreender as mudanças de paradigmas comunicacionais trazidas pelas redes sociais, é necessário identificar e analisar a constituição e o funcionamento dos laços sociais nestes ambientes. No caso do Twitter, as autoras afirmam que rastrear a formação desses laços pode ser uma tarefa complexa, pois, diferentemente do Facebook e Orkut, no *microblogging*, os vínculos sociais não são necessariamente extensões de relações preexistentes da vida do usuário. No Twitter, as relações se alteram constantemente. Além disso, elas são formadas a partir do fluxo coletivo de ideias, do “movimento continuum” de informações compartilhadas em tempo real dificultando assim, o seu mapeamento.

Nesse sentido, para as pesquisadoras, analisar a formação dos laços sociais no Twitter, em suas minúcias, ainda é algo que não se pode fazer usando apenas aplicativos de visualização disponíveis *on-line*. Embora estes dispositivos possibilitem uma visão

preliminar, eles são, em sua maioria, voltados para fins estatísticos e constatações de conectividade. Santaella e Lemos citam três exemplos de aplicativos com tais aptidões: o *Foller* (fornece informações sobre a distribuição geográfica dos seguidores), o *MentionMap* (permite visualizar a teia de conexões a partir de dados baseados em conversações e interações entre usuários) e o *Twitnest* (mapeia relações entre os membros de uma mesma rede). As autoras terminam o capítulo defendendo a necessidade de se aliar análises quantitativas às qualitativas, observando os fluxos de conteúdos e visualizando laços sociais formados a partir da circulação de ideias.

O sétimo e último capítulo *QOTD, por @UMAIRH: micromídias móveis & inteligência coletiva global em tempo real* é parte de um relato de experiência netnográfica em que Renata Lemos adentrou no universo do Twitter para pesquisar comunidades que debatiam temas de interesse mundial. A autora constatou, entre outros aspectos, o potencial da plataforma para o debate aberto em tempo real, a formação e distribuição de grupos de interesse em torno de determinado assunto (interação denominada design colaborativo) e as des/construções de laços sociais tendo como base as conversas coletivas e o tipo de linguagem usada. É possível notar através do relato da experiência de Lemos, que as autoras tentam por em prática, também, a perspectiva do capítulo anterior: compreender os laços sociais no Twitter a partir das trocas de informações e ideias. Porém, neste caso, Lemos tem a oportunidade de visualizar esses laços de dentro do Twitter, fazendo parte das interações.

Em seguida, é feita uma detalhada abordagem de como Twitter – através do uso das funções *RT (Retweet)*, *buscar perfil (@usuário)* e das *hashtags (#)* – pode promover inter-relacionamentos e monitorização entre usuários. O protocolo computacional *qotd* (quote of the day/ frase do dia, em português) também se insere neste contexto. Pois, conforme a obra, o *qotd* possui capacidade para indexar e distribuir citações pessoais através do mecanismo RT e ao mesmo tempo, levanta informações sobre comunidades e seguidores a fim de direcionar fluxos de informações específicos. Segundo as autoras, “Umair Raque desenvolveu o experimento qotd de inteligência coletiva dentro da Rede Social Twitter”. (p. 122)

Na conclusão, Lúcia Santaella e Renata Lemos enfatizam que o uso inteligente do Twitter requer não apenas capacidades cognitivas de leituras das funções e

ferramentas da plataforma. Para elas, também é necessário que usuários elaborem objetivos e estratégias ao se conectarem a uma rede. Outra constatação a que chegaram, foi a de que existe uma interdependência entre o desenvolvimento de suportes tecnológicos e as sociabilidades em rede, caracterizada pela transformação de ambos, a partir da usabilidade dos aplicativos. Nesse contexto a relevância da teoria-ator-rede (TAR) é retomada para confirmar a importância de se pesquisar o Twitter de forma híbrida, ou seja, considerando inteligência humana e inteligência artificial. Por fim, as pesquisadoras se mostram otimistas em relação ao potencial do Twitter como mais uma possibilidade de se buscar cidadania, participando de discussões em rede e compartilhando valores sociais em grande escala.

O livro mostrou-se relevante para pesquisadores que querem se introduzir nos estudos de comunicação em rede, a partir do Twitter. Apesar de pouco volumosa, a obra exige um leitor familiarizado com alguns conceitos como rizoma, agenciamentos e sistemas complexos. Por outro lado, *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter* pode servir de base para estudiosos que desejem aprofundar esses conceitos e a Teoria Ator-Rede. A obra também é válida por demonstrar, indiretamente, que no Twitter, os 140 caracteres não são empecilhos na criação de uma rede social inteligente.